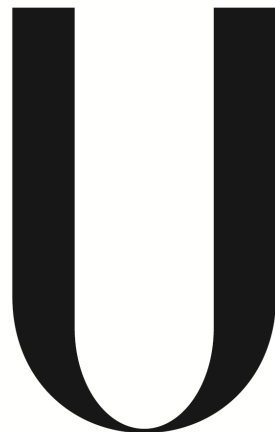


UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



LISBOA

**UNIVERSIDADE
DE LISBOA**

**SUPERPROTECÇÃO E PRÁTICAS DE REGULAÇÃO EMOCIONAL PARENTAL EM PAIS DE
CRIANÇAS ANSIOSAS: CONSISTÊNCIA ENTRE A INFORMAÇÃO OBTIDA POR
ENTREVISTA E POR OBSERVAÇÃO**

Ana Sofia Martins Lourenço

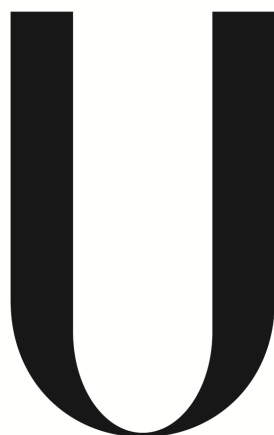
MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicologia Clínica da Saúde e da Doença

2015

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



LISBOA

**UNIVERSIDADE
DE LISBOA**

**SUPERPROTECÇÃO E PRÁTICAS DE REGULAÇÃO EMOCIONAL PARENTAL EM PAIS DE
CRIANÇAS ANSIOSAS: CONSISTÊNCIA ENTRE A INFORMAÇÃO OBTIDA POR
ENTREVISTA E POR OBSERVAÇÃO**

Ana Sofia Martins Lourenço

Dissertação Orientada pela Professora Doutora Ana Isabel Pereira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicologia Clínica da Saúde e da Doença

2015

Agradecimentos

Agradeço à professora Ana Isabel Pereira pela constante ajuda e disponibilidade durante todo o processo de orientação, sem a qual muitos obstáculos seriam difíceis de transpor.

À Ana Beato, agradeço a cedência de parte dos dados do seu estudo, sem os quais o meu não existiria, a ajuda fornecida durante o decorrer da construção da minha dissertação e a disponibilidade em ajudar.

Agradeço à minha mãe por me ter proporcionado a continuidade dos meus estudos e apoiado nesse processo, pelo tempo e dedicação com que me ajudou na realização do presente projecto

Às pessoas que conheci durante estes 5 anos e que marcaram a minha passagem por esta faculdade e a minha vida.

A todos o meu muito obrigado!

Índice

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
1.1 PARENTALIDADE E ANSIEDADE DOS FILHOS	9
1.2 TRAJETÓRIAS DE INFLUÊNCIA PARENTAL NA ANSIEDADE DOS FILHOS.....	10
1.3 DIMENSÕES DA PARENTALIDADE COMO FATOR DE RISCO PARA A ANSIEDADE INFANTIL	11
1.4 REGULAÇÃO EMOCIONAL.....	16
1.5 METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO DA PARENTALIDADE	19
3. RESULTADOS	35
4. DISCUSSÃO	42
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

Resumo

Enquadramento: A parentalidade é um importante contributo para o desenvolvimento da ansiedade infantil. Ao longo das duas últimas décadas, a maioria dos estudos que examinaram a relação entre a parentalidade e a ansiedade infantil focaram-se em três dimensões: aceitação, modelagem de comportamentos ansiosos, e controlo. A dimensão da parentalidade *controlo* e a sua relação com o desenvolvimento e manutenção da ansiedade infantil tem sido sistematicamente estudada. A maioria dos estudos que visa avaliar os estilos e práticas parentais utilizam sobretudo metodologias de auto-relato como o principal método de recolha de dados. A avaliação através de várias metodologias de recolha de dados pode providenciar mais informação acerca do comportamento parental e da sua relação com a ansiedade das crianças.

Metodologia: Participaram no presente estudo 42 progenitores (pais n=19 e mães n=23) de 30 crianças. A identificação das crianças com problemas de ansiedade foi realizada através de um procedimento de *screening* multi-etapas. Num primeiro momento, aplicou-se o Questionário de Avaliação de Perturbações Emocionais Relacionadas com a Ansiedade em Crianças (SCARED-R-C) e posteriormente foram selecionadas as crianças que apresentavam níveis elevados de sintomatologia de ansiedade. Estas crianças e os seus pais participaram numa entrevista de diagnóstico (ADIS-C/P-IV). Posteriormente, fez-se a aplicação individual de uma entrevista semiestruturada “ansioso por saber” a alguns dos pais, aleatoriamente selecionados, de crianças que apresentaram um diagnóstico principal de perturbação de ansiedade com o objetivo de explorar as estratégias parentais face à ansiedade dos filhos. Posteriormente, as díades progenitor/criança foram observadas em duas tarefas de interação.

Resultados: Os resultados provenientes das tarefas de interacção em relação às estratégias preferencialmente utilizadas pelos pais de crianças ansiosas vão de acordo ao quadro teórico em vigor na área, contudo, os resultados da entrevista revelam um conjunto de estratégias parentais que não estão tradicionalmente ligadas à ansiedade. Deste modo, as estratégias mais frequentemente identificadas na entrevista foram as estratégias de “Resolução de Problemas”,

“Incentivo ao Confronto” e “Tranquilização”, enquanto as estratégias mais frequentemente utilizadas durante as tarefas de interação foram as estratégias de “Intrusividade”, “Reforço da Ansiedade” e Resolução de Problemas”. Encontraram-se, assim, diferenças relativamente à ocorrência das estratégias parentais em função do tipo de metodologia utilizada. Não foi encontrado um acordo significativo entre as estratégias referidas na entrevista e as estratégias utilizadas nas tarefas de interação.

Conclusões: Considera-se que a presente investigação, de carácter exploratório, representa um contributo adicional para a literatura empírica, uma vez que contribuiu para o conhecimento das estratégias que os pais adotam face à manifestação de ansiedade dos filhos tendo como foco da investigação os processos de *coping*, avaliados por diferentes metodologias, permitindo assim aprofundar o conhecimento sobre a influência dos pais nas perturbações de ansiedade infantil.

Palavras-chave: Perturbações de Ansiedade nas Crianças, Comportamento Parental, Estratégias Parentais, Acordo entre Metodologias

Abstract

Framing: parenting is an important contribution to the development of child anxiety. Over the last two decades, the majority of studies examining the relationship between parenting and child anxiety focused on three dimensions: acceptance, anxious behavior modeling and control. The dimension of parenting “*control*” and its relationship with the development and maintenance of children's anxiety has been systematically studied (Inserir estudo). The majority of studies aimed at assessing the parental styles and practices have typically used self-report methodologies as the primary method of data collection. The assessment through various methodologies of data collection can provide more information about parental behaviour and their relationship with the anxiety of children.

Methodology: 42 progenitors (n = 19 parents and n = 23 mothers) of 30 children participated in this study. Identification of children with anxiety issues was held through a multi-step screening procedure. At first, the evaluation questionnaire of Emotional Anxiety-related Disorders in children (SCARED-R-C) was applied. Subsequently children who had high levels of anxiety symptoms were selected for further procedures. These children and their parents participated in a diagnostic interview (ADDIS-C/P-IV). Afterwards, parents of children who have a primary diagnosis of anxiety disorder, were randomly selected for an individual semi-structured interview called "eager to hear" with the goal of exploring their parental strategies towards the anxiety of children. Later, the parent/child dyads were observed in two tasks of interaction.

Results: the results from the interaction tasks in relation to the preferential strategies used by parents of anxious children are in line with the current perceptions stemming from the theoretical framework of the area. However, the results of the interview reveal a set of parenting strategies that are not traditionally linked to anxiety. Thus, the strategies most often identified in the interview were the strategies of "problem solving", "encouraging the Confrontation" and "Reassurance", while the most frequently used strategies during the tasks of

interaction were the strategies of "Intrusividade", "strengthening of Anxiety" and troubleshooting ". Differences regarding the occurrence of parental strategies were found, depending on the type of methodology used. In fact a significant agreement between the strategies referred to in the interview and the strategies used in the interaction tasks was not found.

Conclusions: the present research, of exploratory nature, brings further contribution to the empirical literature, since it contributes to the knowledge of the strategies that parents adopt when confronted with children's expressions of anxiety . This study thus deepens the knowledge of parents ' influence on children's anxiety disorders, by focusing on on the evaluation of coping processes utilized under different methodologies.

Words-key: Anxiety Disorders in children, Parental Behavior, Parenting Strategies, Agreement Between Methodologies.

1. Fundamentação Teórica

1.1 Parentalidade e ansiedade dos filhos

Uma área de estudo que tem sido referida como um dos contributos mais importantes para compreender o desenvolvimento da ansiedade infantil é a da parentalidade. A parentalidade tem sido definida como qualquer coisa que os pais fazem, ou falham em fazer, que possa afetar os seus filhos (Kendziora & O'Leary, 1993, citado por Locke & Prinz, 2002). A parentalidade negativa tem sido um dos fatores de risco mais estudado na ansiedade infantil (Wood, McLeod, Sigman, Hwang, & Chu, 2003). Os estudos sobre a genética comportamental sugerem que as experiências/ambiente da criança têm um impacto significativo no desenvolvimento dos sintomas de ansiedade desta (Wood, *et al*, 2003).

As conceptualizações atuais sobre as perturbações de ansiedade postulam que estas se desenvolvem devido a uma combinação de fatores biológicos e de factores psicológicos. Ao longo das últimas décadas, os estudos empíricos sobre o papel dos pais no desenvolvimento e manutenção das perturbações de ansiedade têm aumentado exponencialmente (Brown & Whiteside, 2008), focando-se nos efeitos que os estilos e práticas parentais têm no desenvolvimento deste tipo de problemas.

Por estilos parentais entende-se o conjunto global de atitudes, objetivos e padrões de práticas parentais que cria o ambiente para o desenvolvimento da relação pai-criança, enquanto as práticas parentais são conceptualizadas como específicas a determinadas interações parentais entre pais e filhos, referindo-se assim a atos ou conjuntos de ações parentais específicos (Ballash, Leyfer, Buckley, & Woodruff-Borden, 2006). De uma forma mais simples, pode-se dizer que as práticas parentais referem-se *ao que os pais fazem* (punições, abraços) enquanto que o estilo parental informa sobre *como os pais o fazem* (com carinho, com hostilidade) (Locke & Prinz, 2002).

Estilos parentais que providenciam à criança interações positivas e entusiásticas, onde o adulto segue o interesse da criança, lhe dá atenção positiva e fornece um ambiente responsivo e

sensível às suas necessidades, contribuem para a promoção da saúde mental da criança, prevenindo o desenvolvimento de problemas socio-emocionais e comportamentais (Reedtz, Handegard, & Morch, 2011). Locke e Prinz(2002), nos seus estudos, adotaram as definições de Darling e Steinber (1993) sobre práticas e estilos parentais. Segundo os autores, as práticas parentais têm um efeito direto no desenvolvimento das características e comportamentos específicos das crianças, enquanto o estilo parental teria um efeito mais indirecto na criança.

1.2 Trajetórias de influência parental na ansiedade dos filhos

Inicialmente, os modelos teóricos salientavam apenas o efeito (unidirecional) da parentalidade no desenvolvimento da criança. Contudo, ao longo das últimas décadas, surgiram evidências de que a relação existente entre o comportamento dos pais e o comportamento da criança é bidirecional (Waters, Zimmer-Gembeck, & Farrel, 2012).

Quando se considera o papel da parentalidade como um fator de risco específico para o desenvolvimento da ansiedade infantil, existem pelo menos quatro caminhos pelos quais se pode ligar a parentalidade à ansiedade (Wood, *et al*, 2003): a) alguns estilos ou práticas parentais podem diretamente ilicitar ansiedade na criança, b) as manifestações ansiosas ou de medo por parte das crianças podem ilicitar determinados padrões de estilos ou práticas parentais, c) as similaridades genéticas entre as crianças e os seus pais podem agir como uma terceira variável a ter em conta tanto na ansiedade infantil, como na dos pais, e d) os traços genéticos, a parentalidade, a ansiedade infantil e outros fatores de risco e proteção reenforçam-se ou moderam-se uns aos outros num loop de feedback

Rubin e Mills (citado por DiBartolo & Helt, 2007) propuseram também um modelo integrador em que a ansiedade infantil se desenvolve através da combinação de 1) predisposições biológicas da crianças; 2) condições ambientais stressantes; e 3) os comportamentos parentais que resultam da combinação das duas primeiras variáveis. Neste modelo, o ambiente é outro ativador do comportamento parental desadaptado, correspondendo ao quarto caminho descrito

por Wood et al. (2003). Os autores sugeriram também que o temperamento inibido das crianças frequentemente leva os pais a serem excessivamente controladores, na tentativa de acalmar e proteger as suas crianças. Ou seja, a ansiedade persistente nas crianças é, muito provavelmente, desencadeada na relação dinâmica entre pais-filho. Por exemplo, mães de crianças socialmente inibidas (*socially wary*) (e.g., a criança mostra sinais de timidez, evitamento social e reticência em contextos sociais) tendem a ter estratégias parentais mais intrusivas e superprotetoras (Rubin, Coplan, Bower, & Menzer, 2011), o que reforça o temperamento da criança e limita o desenvolvimento das capacidades de mestria (DiBartolo & Helt, 2007).

Segundo Chorpita e Barlow (1998) existem dois caminhos através dos quais as crianças desenvolvem um sentido de mestria sobre o seu ambiente: 1) através das respostas carinhosas e consistentes dos pais às suas necessidades, transmitindo à criança a noção de que ela é capaz de afetar outras pessoas; e 2) permitindo que as crianças tenham alguma independência, transmitindo-lhes a noção de que são capazes de afetar o seu ambiente. É esperado que pais de crianças ansiosas sejam mais controladores do que pais de crianças não ansiosas, mas não têm necessariamente de ser menos carinhosos, pois muitos pais tendem a proteger as suas crianças do stress de uma forma muito afetuosa ou complacente.

Adicionalmente, Ginsburg e Schosber (citado por Bruggen, Stams, & Bögels, 2008) sugeriram que altos níveis de ansiedade parental podem interferir com o desenvolvimento de capacidades adequadas de *coping* nos pais, o que pode levar a comportamentos parentais específicos que promovem a ansiedade infantil, como incentivar o evitamento da situação, a rejeição e/ou o supercontrolo. Uma ansiedade parental elevada pode também levar os pais a evitar situações que consideram ameaçadoras, assim como a perceber como ameaçadoras situações novas e desafiantes para os seus filhos (Bruggen, et al., 2008).

1.3 Dimensões da parentalidade como fator de risco para a ansiedade infantil

Desde os anos 90 até ao presente, a maioria dos estudos que examinaram a relação entre os estilos ou práticas parentais e a ansiedade infantil focaram-se em três dimensões da parentalidade: aceitação, modelagem de comportamentos ansiosos e controlo (Wood, McLeod, Sigman, Hwang, & Chu, 2003).

A aceitação refere-se à abordagem geral dos pais, caracterizada por carinho (*warm*) e responsividade (incluindo a aceitação dos sentimentos e comportamentos da criança, escuta ativa, entre outros) assim como o envolvimento emocional e comportamental nas atividades diárias da criança. É hipotetizado que, pais que aceitam a expressão de emoções negativas por parte das suas crianças, em vez de as criticar e minimizar os seus sentimentos, ajudam a promover a regulação emocional, possibilitando às crianças a aprendizagem, através da tentativa e erro, de tolerar o afeto negativo (Gottman, Katz & Hoover, 1997, citado por Wood, et al., 2003), reduzindo assim a sua sensibilidade à ansiedade.

A *modelagem* de comportamentos ansiosos refere-se, por exemplo, à descrição dos problemas à criança como impossíveis de resolver ou perigosos, encorajando-a a ver os problemas de uma forma catastrófica, extinguindo e punindo as expressões de *coping* e as estratégias de resolução de problemas (Wood, et al, 2003).

A dimensão da parentalidade *controlo* e a sua relação com o desenvolvimento e manutenção da ansiedade infantil tem sido sistematicamente estudada. É possível definir controlo como padrão de excessiva regulação das atividades e rotinas da criança, decisões parentais autocráticas, superproteção ou instruções à criança sobre como ela deve pensar ou sentir (Wood, et al., 2003). Todas as diferentes manifestações de controlo parental envolvem o encorajamento da dependência da criança em relação aos pais e podem afetar a perceção de mestria sobre o ambiente (Chorpita & Barlow 1998).

É possível subdividir o construto de controlo em dois tipos: controlo comportamental e controlo psicológico (Ballash, et al., 2006). O controlo comportamental consiste nos comportamentos que os pais usam para gerir, regular e supervisionar os seus filhos (Ballash, et al., 2006).

Uma dimensão parental que também tem sido alvo de investigação e que está intrinsecamente relacionada com o controlo comportamental é a *superproteção*. Esta define-se por uma proteção parental que é excessiva, tendo em conta o nível de desenvolvimento da criança, que tem por objetivo proteger o filho de possíveis ameaças físicas ou sociais (Ballash, et al., 2006). Importa salientar que a superproteção inclui uma componente emocional ansiosa que é demonstrada através de uma excessiva preocupação dos pais acerca do bem-estar dos seus filhos.

Rapee (1997) sugere que o controlo comportamental pode ensinar às crianças quais os eventos do exterior que estão fora do seu controlo. Um controlo parental excessivo pode contribuir para o desenvolvimento da ansiedade de duas formas: em primeiro lugar, incute na criança a sensação de que há constantemente perigo à sua volta, levando a uma hipervigilância e ao aparecimento de medos; e em segundo lugar, limita as oportunidades da criança para aprender como lidar com as situações de forma autónoma e bem sucedida, impedindo assim o desenvolvimento de expectativas realistas de si mesmo e do mundo (Ballash, et al., 2006)

Uma das características definidoras do controlo comportamental parental é a frequência do uso de estratégias diretivas utilizadas pelos pais, como a delimitação do espaço, instruções claras e pedidos explícitos, constituindo uma função adaptativa transmitida dos processos educativos parentais. Por exemplo, os pais podem regular o comportamento dos filhos providenciando instruções específicas durante a execução de uma tarefa. Este comportamento parental proativo pode ser definido como *parentalidade estruturada* (Denham et al., 2000). A parentalidade estruturada tem sido associada com efeitos benéficos nos problemas de comportamentos das crianças mais novas. O estudo de Mills e Ruben (1990) com crianças de idade pré-escolar que demonstram sintomatologia ansiosa revelou que tanto os pais como as mães tendem a acreditar que devem reagir com estratégias de socialização de baixo controlo e não diretivas (ao contrário do que fariam com crianças agressivas). Esta perceção pode ser, em parte, fundada na antecipação de que práticas parentais menos diretivas podem prevenir a escalada de ansiedade na criança (Bruggen, et al., 2008). Contudo, baixos níveis de parentalidade estruturada não significam necessariamente a adoção de uma parentalidade permissiva, ou que os pais estão

pouco direcionados para as necessidades da criança, assim como os pais que mantêm uma parentalidade estruturada não são necessariamente restritivos dos comportamentos autónomos e espontâneos das crianças, ou menos responsivos, atenciosos ou envolvidos (Natsuaki, et al., 2013).

A literatura empírica indica-nos que a relação entre o controlo comportamental e o ajustamento da criança não é linear (Cummings *et al.*, 2000, citado por Macedo, 2011). Isto é, se por um lado baixos níveis de controlo comportamental não fornecem indicações suficientes à criança para que esta possa regular o seu próprio comportamento, níveis elevados desta dimensão são igualmente indesejáveis (Chorpita & Barlow, 1998), na medida em que restringem excessivamente o desenvolvimento da autonomia da criança e dificultam a formação de um sentimento de mestria. Pode dizer-se que os efeitos do controlo comportamental variam em função da forma como esse controlo é exercido. Como exemplo, uma criança que é alvo de uma excessiva regulação dos pais sobre as suas atividades e rotinas, tenderá a desenvolver maiores níveis de dependência em relação aos seus progenitores, reduzindo as suas oportunidades de exploração do meio e de resolução autónoma de problemas. Esta restrição de autonomia dificultará a formação de um sentimento de mestria, na medida em que a criança disponibilizará de menos oportunidades para se percecionarem como competente e capaz de lidar com situações temíveis (Macedo, 2011).

A perceção precoce de falta de controlo, induzida por limitações na autonomia ou pela redução das oportunidades de explorar o meio envolvente pode promover vulnerabilidades para a emergência de problemas de ansiedade. Os pais que acreditam que o perigo está omnipresente e que deve ser evitado a todo o custo, contribuem significativamente para o desenvolvimento, manutenção e aumento de problemas de ansiedade infantil. No entanto, importa salientar que a presença de ansiedade nas crianças pode fazer com que os pais intervenham de forma a reduzir estas dificuldades, o que por sua vez acaba por reforçar o sentimento de incompetência e ineficácia da criança (Chorpita & Barlow, 1998).

O controlo psicológico, por sua vez, refere-se a um tipo de controlo intrusivo e coercivo que recorre a técnicas de manipulação da emoção e interfere no desenvolvimento psicológico e emocional da criança (Barber, 1996). Este tipo de controlo tem por base a manipulação da relação entre pais e filhos através de, por exemplo, indução de culpa, expressões carregadas de afeto negativo ou criticismo. Estas práticas parentais exercem um efeito negativo na criança na medida em que interferem no desenvolvimento da autonomia psicológica e na perceção da criança sobre si própria enquanto ser competente e autónomo. Desta forma, uma atitude permanente de crítica parental poderá ter o efeito de direccionar a atenção dos pais e da própria criança para as suas incompetências, ignorando ou subvalorizando os seus episódios de mestria. Excessivo controlo psicológico parental exacerba a inibição social da criança minimizando a sensação de autonomia e independência da criança, o que pode levar à intensificação dos sentimentos de desamparo (Chorpita & Barlow, 1998) e à diminuição da motivação intrínseca da criança para uma exploração ativa do ambiente.

Posto isto, existem pelo menos três formas através das quais o controlo parental pode acionar a ansiedade da criança: através do aumento da perceção de perigo; reduzindo a perceção de controlo sobre o perigo; e não providenciando à criança ocasiões para explorar o seu ambiente e desenvolver capacidades de lidar com os eventos inesperados (Bruggen, et al., 2008). Rapee (2001, citado por Bruggen, et al., 2008) aprofundou o efeito da ansiedade infantil no controlo parental, argumentando que os pais exercem controlo em antecipação ao stress relacionado com a ansiedade das suas crianças. Contudo, os comportamentos ansiosos das crianças não são suficientes para explicar o grau de controlo que os pais exercem, sendo que o proprio nível de ansiedade parental influencia também o controlo exercido (Bruggen, et al., 2008).

Uma outra dimensão da parentalidade que parece estar relacionada com os processos ansiosos das crianças é a *regulação emocional*. Apesar de pouco estudada, a capacidade de autorregulação emocional da criança, mas também dos pais, parece ser um fator importante para compreender os processos de vulnerabilidade e proteção para ansiedade nas crianças, assim como compreender os processos de influência parental na ansiedade dos filhos.

1.4 Regulação emocional

Muitas crianças com perturbação de ansiedade demonstram pobres capacidades de regulação emocional (Hannesdottir & Ollendick, 2007), relatam as experiências emocionais mais intensamente do que as outras crianças (Suveg & Zegman, 2004) e revelam um fraco entendimento sobre as emoções (Southam-Gerow & Kendall, 2000).

A regulação emocional pode ser definida como o processo que é acionado pela escalada emocional, com o objetivo de a modelar e gerir (Hannesdottir & Ollendick, 2007), ou como a modificação de processos, intrínsecos e extrínsecos, no sistema responsável pelas emoções, ou a modificação das suas manifestações comportamentais (Campos, et al, 2004), podendo envolver a mudança ou manutenção de qualquer aspeto de excitação emocional. A regulação emocional envolve monitorização, avaliação e modificação das reações emocionais e pode levar à mudança numa emoção ativa, incluindo a mudança da sua intensidade, valência ou duração (Thompson, 1994). Desta forma, a regulação emocional envolve a regulação das emoções negativas e positivas, e o processo de regulação emocional em que a criança se envolve pode ser tanto adaptativo como desadaptativo, estando dependente do contexto (Campos, et al., 2004).

Contrariamente, a *desregulação emocional* é geralmente definida como a limitação na habilidade de gerir e modelar emoções de forma a permitir relações interpessoais, participações sociais, empatia para com os outros, etc. (Hannesdottir & Ollendick, 2007).

Crianças com perturbações de ansiedade demonstram uma desregulação emocional de várias formas. Por exemplo, uma criança ansiosa tenta evitar eventos ou situações que lhe provocam estados emocionais intensos (Mash & Wolfe, 2002), e, embora o evitamento funcione como uma estratégia eficiente de regulação emocional para reduzir ou prevenir estados emocionais intensos, é geralmente desadaptativo (Hannesdottir & Ollendick, 2007). Desta forma, existe uma clara ligação entre as perturbações de ansiedade infantil e os défices na competência de regulação emocional das crianças.

Um dos principais fatores que contribui para o desenvolvimento da competência emocional nas crianças é a socialização emocional parental, processo através do qual as crianças aprendem o que são as emoções e como regulá-las. Estes comportamentos estão por sua vez dependentes das crenças parentais sobre as suas próprias emoções e as emoções dos seus filhos (Duncombe, Havighurst, Holland, & Frankling, 2012). A ansiedade das crianças pode tornar-se mais intensa através da socialização parental, se os progenitores demonstrarem eles próprios pobres capacidades de regulação emocional (Hannesdottir & Ollendick, 2007). Por exemplo, pais de crianças ansiosas tendem a modelar o comportamento ansioso (Whaley, et al., 1999, citado por Hannesdottir & Ollendick, 2007), a desencorajar a discussão das emoções negativas (Suveg, et al., 2005), e a proteger as suas crianças de todas as situações que possam provocar uma ativação emocional mais intensa (Hannesdottir & Ollendick, 2007).

Esta socialização emocional ocorre através da modelagem de expressões e regulação emocional, treino direto em como identificar emoções e em como lidar e gerir essas emoções e/ou reforço parental da expressão emocional. É através do treino de comportamentos emocionais (validação parental, empatia parental) que as crianças desenvolvem as capacidades necessárias para compreender as emoções e aprendem métodos para a autorregulação das emoções negativas. Por outro lado, as práticas parentais de rejeição (minimização, criticismo) aumentam as dificuldades da criança em lidar com as suas emoções (Duncombe, et al., 2012).

Por seu lado, práticas parentais inconsistentes e baseadas em punições físicas, também estão associadas com o desenvolvimento de problemas de regulação emocional nas crianças. A disciplina parental inconsistente emerge como um fator significativo, sobrepondo-se a outras variáveis parentais na predição de comportamentos disruptivos e desregulação emocional em crianças (Duncombe, et al., 2012).

As crianças tendem a imitar ou internalizar as formas de regulação emocional expressas pelos progenitores, através de processos de modelagem ou de referência social (Bridges, et al. 2004). Morris, et al. (2007) propôs que é através da frequência e da valência das expressões emocionais

parentais que as estratégias de regulação emocional são transmitidas às crianças. A exposição de crianças a variados tipos de emoções e a observação das respostas parentais verbais e não-verbais aos estímulos emocionais pode levar as crianças a utilizar estratégias de regulação emocional semelhantes quando confrontadas com as suas próprias situações de carácter emocional (Morris, et al., 2007).

Existe uma ligação estabelecida entre as emoções negativas e diferentes formas de psicopatologia (e.g. depressão ou perturbação de ansiedade). Contudo, as emoções negativas não são desadaptadas. Apenas quando a emoção negativa é experienciada durante demasiado tempo ou de uma forma muito severa, pode tornar-se danosa pois exigem um foco interno seletivo e direcionado que domina todo o processamento de informação ou os canais de comunicação. (Hannesdottir & Ollendick, 2007).

Ao modelar o comportamento ansioso da criança (evitamento ou catastrofização das situações), e ao interpretar ou antecipar as situações como perigosas ou ameaçadoras, os progenitores estão inevitavelmente a alimentar e a manter a perturbação de ansiedade (Hannesdottir & Ollendick, 2007). Ou seja, através dos processos de socialização emocional, as crianças podem aprender que evitar situações difíceis e evitar as experiências emocionais negativas são as melhores estratégias de regulação emocional (Hannesdottir & Ollendick, 2007). Pelo contrário, pais que discutem as emoções e as situações que provocam maior ativação emocional, que dão espaço às crianças para falarem sobre as suas experiências emocionais negativas, sem as desencorajar ou ignorar, que usam uma escuta reflexiva (reforçando e devolvendo à criança os seus sentimentos sem os questionar ou julgar) e que ensinam a criança a identificar problemas, pensar sobre as várias soluções, antecipar as consequências para cada uma e finalmente escolher a melhor estratégia, que toleram os estados emocionais negativos da criança e que usam essas ocasiões para ajudar a criança a regular a emoção, ajudam as crianças a desenvolver melhores capacidades para gerir as emoções e a expressarem-se melhor (Hannesdottir & Ollendick, 2007).

Vários estudos suportam a ligação entre as capacidades de regulação emocional dos pais com a dos seus filhos. Por exemplo, durante atividades construtivas, a demonstração de emoções negativas pela mãe está fortemente correlacionada com a regulação emocional dos filhos (Melnick & Hinshaw, 2000 citado por Chang, Schwartz, Dodge, & McBride-Chang, 2003). Numa série de investigações, Parke et al. (1992) observaram uma associação sistemática entre a expressão e regulação emocional parental e as capacidades sociais da criança. Carson e Parke (1996, citado por Chang, Schwartz, Dodge, & McBride-Chang, 2003) mostraram de igual modo a natureza recíproca da desregulação emocional de pais e filhos e como esta pode escalar durante uma sessão de tarefas experimentais.

1.5 Metodologias de avaliação da parentalidade

A maioria dos estudos que visa avaliar os estilos e práticas parentais utilizam sobretudo metodologias de auto-relato como o principal método de recolha de dados (e.g. Borelli, Margolin & Rasmussen, 2014; Schwartz, et al., 2011; Stone et al., 2015; Duncombe et al., 2012; Becker et al., 2010; Borelli et al., 2015). Contudo, devido à permeabilidade subjetiva destes instrumentos, é necessário avaliar estratégias parentais utilizando outras metodologias de recolha de dados, mais objetivas, que possibilitem uma compreensão mais profunda dos estilos e práticas parentais em crianças ansiosas.

Os construtos de estilos e práticas parentais relacionam-se hierarquicamente, sendo que o conjunto de práticas indica o estilo parental presente. As práticas parentais tendem a ser avaliadas tendo em conta o conteúdo e frequência em que os comportamentos parentais específicos aparecem (e não tendo em conta a sua qualidade), enquanto que os estilos parentais são medidos em termos da qualidade e valência das interações parentais com os seus filhos (Locke & Prinz, 2002). Tradicionalmente, o estilo parental, tratando-se de uma dimensão mais subjetiva, é medido através instrumentos de auto-relato e entrevistas de diagnóstico, que requerem uma avaliação global dos padrões de estilos parentais ao longo do tempo e em

períodos específicos, enquanto as práticas parentais específicas são também medidas através de abordagens observacionais em situações particulares (Wood, et al., 2003).

Por outro lado, na investigação sobre a parentalidade, a entrevista, embora menos utilizada nos estudos, também se revela especialmente útil para apurar as atitudes parentais e outros conteúdos de interesse, dando possibilidade ao investigador de obter informação detalhada e aceder a informações sobre os significados e formas de pensar internas dos participantes. A entrevista semi-estruturada, apresenta-se como o tipo de entrevista mais vantajoso para recolha de dados (Kuppens, Grietens, Onghena, & Michiels, 2009). É semelhante a um diálogo com o entrevistado, baseado no assunto que se pretende focar, mas não se apresenta tão rígida como uma entrevista estruturada, permitindo aprofundar questões, dando flexibilidade e possibilidade de adaptação ao entrevistado, o que possibilita uma recolha de dados mais alargada. A entrevista semi-estruturada apresenta variadas vantagens, nomeadamente a melhor perceção de mudanças ou diferenças individuais, mais diversidade nos tópicos abordados, permitindo uma adaptação da entrevista ao entrevistado. Contudo, várias limitações podem ser apontadas à entrevista, nomeadamente o custo financeiro e maior dispêndio de tempo associado, efeitos reativos, pois os entrevistados podem apenas revelar aquilo que é socialmente aceite e enviesamentos por parte do entrevistador (e.g.: falta de experiência, preconceitos pessoais). Outro argumento desfavorável à utilização da entrevista prende-se com limitações dos entrevistados relativamente à consciência de certos fenómenos, o que leva a que as verbalizações não correspondam à realidade. Por último, a análise de dados provenientes da entrevista por ser demorada, particularmente nas questões de resposta aberta.

Por sua vez, as metodologias observacionais fornecem ao investigador a oportunidade de descobrir novas relações e padrões entre a criança e o funcionamento familiar, que podem não ter sido antecipados na construção das medidas de auto-relato ou nas áreas alvo da entrevista. A informação recolhida através das metodologias observacionais é mais rica comparativamente à recolhida pelas técnicas de auto-relato, e a observação laboratorial pode ser estruturada para ter

como objetivo certos domínios do funcionamento infantil e parental, fazendo com que seja mais provável o aparecimento do comportamento que se quer observar.

A técnica de observação pode ser subdividida em observações *estruturadas* e *semi-estruturadas* e observações *não-estruturadas*. As observações totalmente estruturadas ocorrem apenas em laboratório. As observações de campo são geralmente do tipo semi-estruturadas e têm lugar em um contexto natural. As medidas observacionais fornecem uma medição relativamente objetiva do comportamento, especialmente para observações padronizadas, onde o observador consegue ter acesso aos conteúdos que escapam à consciência das pessoas sobre o seu ambiente e sobre o seu próprio comportamento. Desta forma, medidas observacionais ajudam a compreender a importância dos fatores contextuais, indo além das percepções seletivas das pessoas sobre os mesmos (Cummings, Davies, & Campbell, 2002).

Contudo, quando se opta por medidas observacionais é preciso ter em consideração que podem ocorrer efeitos reativos quando os participantes sabem que estão a ser observados. Por exemplo, uma mãe ao saber que está a ser observada na interação com o seu filho pode comportar-se tendo em conta aquilo que considera socialmente desejável. Efeitos do investigador podem também ocorrer, como por exemplo preconceitos pessoais em relação aos participantes e a percepção seletiva dos acontecimentos por parte dos investigadores. Finalmente, é preciso notar que algumas definições e conteúdos de interesse podem não ser observados nas interações propostas pelo investigador.

Tendo em conta a relação imperfeita entre os métodos de recolha de dados com o constructo que se quer realmente medir (parentalidade), é importante considerar outras medidas e metodologias que possam aumentar a nossa capacidade de avaliar a parentalidade (Cronbach & Meehl, 1955, citado por Vasey & Lonigan, 2000).

A avaliação através de vários métodos de recolha de dados pode providenciar mais informação acerca do comportamento parental e a inferência suportada por um multimétodo de recolha de

dados é bastante diferente daquela apenas suportada por uma única forma de medir o comportamento (Cummings, Davies, & Campbell, 2002).

O objetivo da utilização do multimétodo não é apenas o exame do fenómeno, mas também enriquecer a compreensão do investigador ou do clínico, permitindo descobrir dimensões novas e/ou mais profundas, assim como dimensões que se afastam do fenómeno principal, mas que podem ser de interesse (Azevedo, Oliveira, Gonzalez, & Abdalla, 2013). Os estudos que se apoiam apenas num método de recolha de dados são menos informativos do que os estudos que combinam múltiplas fontes e métodos de recolha de dados. Além disso, a generalização das investigações que utilizam o multimétodo tende a ser mais válida do que as baseadas num único método de recolha de dados (Morris, Robinson, & Eisenberg, 2006, citado por Geiser, Eid, Courvoisier, Nussbeck, & Cole, 2010). Deste modo, a utilização de diferentes perspetivas metodológicas, aliadas a diversificados materiais empíricos, deve ser vista como um processo que acrescenta rigor, riqueza e profundidade à investigação (Azevedo, et al., 2013).

A utilização de diferentes metodologias acarreta o problema da obtenção de diferentes resultados, o que por sua vez levanta a questão do acordo entre as metodologias em questão. Por exemplo, no seu estudo sobre a relação entre o perfeccionismo e controlo parental no desenvolvimento da ansiedade infantil, Affrunti e Woodruff-Borden (2015) utilizaram como metodologia de recolha de dados a entrevista semi-estruturada e instrumentos de auto-relato em conjunto com tarefas de interação em ambiente controlado. Os resultados revelam fortes associações entre o controlo e perfeccionismo parental se considerarmos os dados provenientes das entrevistas, mas quando analisados os dados das observações a associação entre o perfeccionismo parental e a ansiedade infantil deixa de ser significativa. Isto revela que muitas vezes é difícil a operacionalização do conceito de modo a ser medido de igual forma por duas metodologias diferentes e que dados obtidos por diferentes metodologias podem ter por consequência resultados diferentes acerca das relações entre os fenómenos estudados.

Contudo, ainda pouca atenção foi dada à questão do nível de acordo entre duas metodologias que se propõem a medir o mesmo constructo. No campo de investigação das perturbações de ansiedade infantil, a questão do acordo entre informadores tem sido levantada como um dos problemas na avaliação das diferentes perturbações. Por exemplo, nos seus estudos sobre o acordo entre informadores na ansiedade de separação, Foley, et. al, (2004) encontram um baixo acordo entre os relatos das mães, os relatos dos pais e os relatos das crianças. De uma forma geral, o desacordo entre informadores tem sido atribuído à diferença entre contextos e situações em que cada um dos informadores observa a criança, e à perspetiva com que a criança é observada (Foley, et al., 2004; Do Los Reys & Kazdin, 2005). Tem sido também estudada a possibilidade de as emoções e afetos negativos dos pais terem um papel importante na forma como os pais fornecem informação sobre os seus filhos (Do Los Reys & Kazdin, 2005). As discrepâncias entre informadores têm sido encontradas em basicamente todos os métodos de avaliação clínica que investigadores e profissionais clínicos usam para avaliar comportamento anormal em crianças (Do Los Reys & Kazdin, 2005). Estes argumentos podem ser considerados na questão do acordo entre diferentes metodologias. O fator contexto pode assumir um papel importante no desacordo entre metodologias, visto que a situação experimental dos *settings* de observação pode influenciar o comportamento parental e as demonstrações de ansiedade da criança. Um outro argumento utilizado para justificar o desacordo entre informadores e que pode ser repensado à luz do desacordo entre metodologias, é a possibilidade de os comportamentos problemáticos acontecerem na ausência de um, ou ambos os progenitores (Soares, et al., 2000).

2. Metodologia

O presente estudo tem como objectivos avaliar as estratégias parentais para a gestão da ansiedade dos filhos numa amostra de crianças com perturbações de ansiedade e a consistência entre diferentes metodologias - entrevista semi-estruturada vs observação- para a avaliação dos comportamentos parentais de regulação emocional e de superproteção.

Desenho do Estudo

Este estudo assume um carácter exploratório, fazendo o cruzamento de duas metodologias de recolha de dados (entrevista semiestruturada e metodologia de observação).

Em função da problemática em estudo e tendo em consideração que se pretende explorar as diferenças entre estratégias utilizadas pelos progenitores para lidar com a ansiedade dos filhos identificadas por diferentes metodologias, recorreu-se a um guião de entrevista estruturada e à observação em *setting* controlado.

Amostra

A amostra deste estudo constitui uma amostra não probabilística de conveniência, correspondendo a um recorte da amostra do estudo mais alargado e em desenvolvimento.

No que respeita a critérios de inclusão para participação no estudo, destaca-se que as crianças tinham que cumprir critérios clínicos de diagnóstico para perturbação de ansiedade, estando subjacente a este critério que os pais (biológicos) tinham que reconhecer interferência da patologia no funcionamento dos filhos.

Participaram no presente estudo 42 progenitores (pais n=19 e mães n=23) de 30 crianças. Em alguns casos ambos os progenitores participaram no estudo. As crianças foram recrutadas em escolas do 1º e 2º ciclos da zona da Grande Lisboa e tinham idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos.

De seguida apresenta-se a Tabela 1, com a caracterização das crianças, e a Tabela 2 com a caracterização dos progenitores.

Tabela 1 - Caracterização das variáveis sociodemográficas e clínicas das crianças

VARIÁVEIS DAS CRIANÇAS		
Idade		
9	10(33,3%)	
10	9 (30,0%)	
11	5 (16,0%)	
12	6 (20,0%)	
Média	Desvio-Padrão	Min. – Max.
10,10	1,12	9-12
Sexo		
Masculino	15 (50,0%)	
Feminino	15 (50,0%)	
Número de irmãos		
Filho único	9 (30,0%)	
1 irmão	13 (43,3%)	
2 ou mais irmãos	8 (26,6%)	
Diagnósticos principais		
Ansiedade de Separação	3 (10,0%)	
Ansiedade Generalizada	12 (40,0%)	
Fobia Social	8 (26,7%)	
Fobia Específica	7 (23,3%)	

Tabela 2 - Caracterização das variáveis sociodemográficas dos progenitores

VARIÁVEIS DOS PROGENITORES		
Idade		
[31-35]	6 (15,0%)	
[36-40]	9 (22,5%)	
[41-45]	18 (45,0%)	
[46-53]	7 (17,5%)	
Média	Desvio-Padrão	Min. – Max.
41,17	5,01	31-53
Sexo		
Pais	19 (45,2%)	
Mães	23 (54,8%)	
Nível socioeconómico		
Baixo	12 (30,0%)	
Médio	19 (47,5%)	
Médio-Alto	9 (22,5%)	

Instrumentos

Seleção das crianças para o estudo

Questionário de Avaliação de Perturbações Emocionais Relacionadas com a Ansiedade em Crianças – SCARED-R (Muris, Merckelbach, van Brakel, & Mayer 1999b, versão portuguesa de Pereira & Barros, 2010).

O SCARED-D é um questionário desenvolvido com o objectivo de avaliar as diferentes dimensões de problemas de ansiedade em crianças, segundo a caracterização do DSM-IV.

Existem duas versões do instrumento, uma destinada aos progenitores das crianças e outra dirigida às próprias crianças. A seleção das crianças foi feita através da versão respondida pelas crianças, sendo que estas classificaram a frequência com que experimentaram cada um dos sintomas de ansiedade nos últimos 3 meses do seguinte modo: 0 (nunca ou quase nunca), 1 (às vezes), 2 (frequentemente). Foram obtidas classificações para cada uma das dimensões de ansiedade e uma pontuação global. A versão portuguesa do questionário (Pereira & Barros, 2010) revela valores elevados de consistência interna da escala ($\alpha = 0,93$ para a versão respondida pelas crianças).

Anxiety Disorder Interview Schedule for Children - ADIS-IV (Albano & Sil-verman, 1996, versão portuguesa de Pereira & Barros, 2010).

A ADIS-IV (ADIS-IV-C/P) é uma entrevista semiestruturada de diagnóstico que permite o diagnóstico diferencial de ansiedade, segundo o sistema de classificações do DSM-IV. A entrevista estrutura-se em secções que avaliam perturbações de humor e de externalização, com o propósito de obter um quadro compreensivo de avaliação da criança/adolescente, entre os 7 aos 17 anos. No seu conjunto, o instrumento é constituído pelas seguintes secções: recusa em ir à escola; ansiedade de separação; fobia social; fobia específica; perturbação do pânico; agorafobia com ou sem perturbação do pânico; ansiedade generalizada; perturbação obsessivo-compulsiva; perturbação do

stress pós-traumático; distímia; perturbação depressiva major; perturbação da hiperatividade e déficit de atenção; perturbação do comportamento e perturbação de oposição. Existem duas versões (ambas utilizadas no estudo principal), uma para os pais e outra para as crianças, e em ambas as versões, no final de cada secção, é realizada uma questão alusiva à interferência da perturbação no dia-a-dia da criança (ao nível escolar, familiar, social e bem-estar). A interferência é avaliada segundo uma escala que varia entre 0 (nenhuma interferência) e 8 (muitíssima interferência). Um dos critérios de diagnóstico que tem de ser identificado para todas as perturbações é o da interferência igual ou superior a quatro, sendo que abaixo deste valor são considerados diagnósticos subclínicos (Albano & Silverman, 1996).

Avaliação das variáveis parentais através de entrevista

Entrevista Semiestruturada - “Ansioso por Saber: Entrevista semiestruturada de avaliação das cognições e estratégias parentais para lidar com a ansiedade das crianças”.

Esta entrevista foi desenvolvida por Beato e Pereira (2013) com o objectivo de identificar e analisar os comportamentos, atitudes e crenças parentais para lidar com a ansiedade dos filhos. A entrevista é constituída por diferentes questões, que correspondem às seguintes dimensões: Percepção de vulnerabilidade da criança, Reações emocionais do progenitor à ansiedade dos filhos e Estratégias parentais para lidar com as mesmas, Percepção da atitude do/a parceiro/a perante a ansiedade da criança, Estratégias da criança, Interpretação de estímulos ambíguos como ameaça, Expectativas parentais acerca das consequências e evolução da ansiedade, Percepção de Intrusividade e atribuições causais associadas à ansiedade infantil.

Para o presente estudo foram utilizados dados apenas de uma parte da entrevista, tendo sido analisadas duas questões em particular. A primeira questão tinha como objectivo perceber, de uma forma global, quais as estratégias utilizadas pelos pais quando os seus filhos demonstram comportamentos ansiosos (“*O que é que já foi feito, da vossa parte, para tentar solucionar os problemas e preocupações dela? Que estratégias já foram tentadas, que já usaram mais vezes?*”), enquanto a segunda pergunta dirigia os pais para uma situação específica em que a criança se tenha sentido ansiosa, e tinha como objectivo perceber quais as estratégias que os pais referiam utilizar ao recordar uma situação específica de ansiedade infantil (*Recorde-se de uma situação, eventualmente recente, em que ela se tenha sentido nervosa, ansiosa, e que o pai tivesse achado que não era caso para isso*” (...) *O que é que pensou? (...) O que é que sentiu? (...) O que é que fez?*”).

Avaliação das variáveis parentais através de observação

Tarefas de interação.

Foram incluídas duas tarefas de interação consideradas potencialmente ansiógenas para a criança. A ordem de realização destas tarefas foi aleatória.

Numa das tarefas, designada “Descobrimo às cegas”, a criança foi convidada a examinar o interior de seis caixas fechadas. Foi pedido à criança que colocasse a mão dentro das caixas, sob orientação de eventuais indicações fornecidas pelos pais. Para aumentar a probabilidade de a criança experimentar alguma ansiedade, foi-lhe explicado que o “teste” só seria superado se cometesse menos de dois erros. Esta tarefa teve como objectivo desencadear uma resposta ansiógena relacionada com a vulnerabilidade física. Na outra tarefa, intitulada “Vamos fazer um anúncio” a criança foi instruída a preparar um pequeno anúncio, sobre um tema sugerido pela

investigadora (A importância de ter uma boa alimentação), com a ajuda dos pais, durante dez minutos. Após este tempo, a criança tinha de apresentar o discurso em frente à câmara. Esta tarefa teve como objectivo uma resposta ansiógena associada a medos sociais.

Em cada tarefa as regras foram previamente explicadas à criança e aos pais e as dúvidas esclarecidas. Foi ainda reforçado que os pais poderiam ajudar como e se considerassem conveniente, não existindo estratégias certas ou erradas.

Procedimento e recolha de dados

Os dados utilizados no presente estudo integram um estudo mais alargado, no âmbito do projeto de doutoramento da Dr.^a Ana Beato: “Ansiedade parental, estilos parentais, superproteção, significações e estratégias parentais em pais de crianças com perturbações de ansiedade: *O pai é importante?*”. Esta investigação pretende investigar o papel das estratégias parentais, dando especial relevância ao papel do pai e à interação entre os progenitores, na manutenção das perturbações de ansiedade em crianças.

Foi fornecida a informação aos pais e obtidos os respectivos consentimentos informados.

Posteriormente realizou-se a recolha de dados para a seleção da amostra nas escolas, em sessões colectivas, através das respostas das crianças ao SCARED-R (Muris, Merckelbach, van Brakel, & Mayer 1999, versão portuguesa de Pereira & Barros, 2010). Foi estabelecido como critério de inclusão que as crianças teriam que obter pontuações acima do percentil 85. A confirmação do diagnóstico foi efectuada com o recurso à entrevista de diagnóstico ADIS-IV (Anxiety Disorder Interview Schedule-IV, versão portuguesa de Pereira & Barros, 2010) (versões para crianças e pais) a cada uma destas crianças e a, pelo menos, um dos seus progenitores.

Complementarmente, fez-se a aplicação individual da entrevista semiestruturada “Ansioso por Saber” a pelo menos um dos progenitores. As entrevistas foram realizadas pela Dr.^a Ana Beato em escolas ou locais próximos da comunidade.

Posteriormente os progenitores foram observados em contexto laboratorial, com o objectivo de observar o comportamento parental em relação aos comportamentos ansiosos dos seus filhos.

Procedimento de análise de dados

O procedimento de análise de dados teve início com a análise de conteúdo das entrevistas. A análise de conteúdo é uma metodologia aplicável a diversos discursos, que pretende identificar, codificar e categorizar unidades de análise, de modo a facilitar a procura de padrões temáticos a partir dos dados fornecidos pelas entrevistas. Assim, a análise de conteúdo das entrevistas do presente estudo teve início com a transcrição integral das entrevistas. Posteriormente foram criados códigos identificativos de partes do corpo da entrevista, que posteriormente foram agrupados em categorias. Essas categorias foram analisadas e nomeadas à luz da literatura do *coping* (e.g. Skinner et al, 2007) e da parentalidade na ansiedade infantil (McLeod, Wood & Weisz, 2005). Paralelamente, os comportamentos parentais observados nas tarefas de interação foram codificados de modo a serem agrupados em categorias de conteúdo semelhante às utilizadas na entrevista. Num segundo momento as perguntas-alvo do presente estudo foram analisadas tendo por base as categorias de estratégias parentais de modo a identifica-las no discurso dos progenitores.

A Tabela 3 apresenta a operacionalização das várias categorias utilizadas.

Tabela 3 - Operacionalização das principais categorias de estratégias parentais

Categorias – Estratégias Parentais	Entrevista	Observação
Resolução de Problemas	Ação instrumental	Apoio instrumental Facilitar a verbalização da criança Pedido de informação Sugestões Diretas
Intrusividade	Intrusividade verbal ou não verbal Intrusividade Superproteção	Intrusividade Interrupções
Apoio emocional	Reforço positivo Empatia Expressão emocional Incentivo à verbalização	Reforço positivo Afecto Incentivo à verbalização

Incentivo ao confronto	Incentivo ao confronto Modelagem de comportamento de confronto	Incentivo ao confronto Incentivo à realização da tarefa autonomamente
Oposição	Desvalorização dos sentimentos e preocupações da criança Criticismo Indução de culpa Comentários negativos Punição	Desvalorização dos sentimento Criticismo/oposição
Desamparo	Desamparo	Não ação / desamparo
Passividade	Não ação / Não reacção	Passividade/ distanciamento
Tranquilização	Tranquilização	Tranquilização
Reforço da ansiedade	Reforço das preocupações da criança Modelagem	Verbalizações de fracasso Pressão para a exigência
Reforço do evitamento	Incentivo à fuga/evitamento (cognitivo ou comportamental) Reforço da dependência	Reforço do evitamento

A Tabela 4 apresenta exemplos de codificação de verbalizações e comportamentos para cada uma das estratégias em estudo.

Tabela 4 - Exemplo de codificação de verbalizações e comportamentos parentais

Tipo de estratégia	Exemplo de respostas parentais	Comportamento observado
Resolução de problemas	“(…) <i>comprámos um diário para que ela escrevesse todos os dias porque era bom ela escrever, e eu também, escrevíamos as duas e eu vi que aquilo era muito bom (...)</i> ” (M330)	Sugestões parentais de formas como explorar o conteúdo das caixas (“tenta ver se é pequeno ou grande”)

Reforço do evitamento	“(…) <i>experimentei deixá-la sozinha, mas elas depois não gostou muito: “Oh mãe eu preferia não ficar”. Pronto, não fica (…)</i> ” (M398)	Expressões parentais do tipo “Eu não punha a minha mão dentro dessas caixas” ou “não precisas de por a mão na caixa, se não quiseres”.
Desamparo	“(…) <i>Não há muito que a gente também possa fazer (…)</i> ” (P398)	Verbalizações parentais do tipo “não te posso ajudar” ou “Não tenho a mínima ideia do que deverias dizer durante o discurso”
Incentivo ao confronto	“(…) <i>Oh filho, mas aproveita esta oportunidade, é a ultima semana, é o último ano até, que tu podes ir. Vai, experimenta, deve ser engraçado (…)</i> ” (M21)	Verbalizações parentais do tipo “Continua, estás a ir bem” e “Não desistas, já estás quase a terminar”
Oposição	“(…) <i>chega lá ou dá-lhe um berro, ou dá-lhe uma palmada (…)</i> ” (M649)	Expressões negativas como “Estás a ser preguiçoso” ou “Nunca vais conseguir”
Tranquilização	“(…) <i>Fiz-lhe ver que agora (…)</i> <i>que ainda era muito novinha. Que com o tempo isso vai passar (…)</i> ” (M407)	Verbalizações parentais do tipo “Não te preocupes. Tenho a certeza de que não há nenhum animal dentro das caixas” ou “Tem calma” o discurso vai correr bem”
Passividade	“(…) <i>nada. Eu não, não faço muito porque entretanto quando ela mostra a mim, às vezes é ao mesmo tempo que a mãe (…)</i> ” (P407)	Os progenitores ficam distantes fisicamente, em silencio, dando o mínimo de resposta à criança.

Intrusividade	<i>“(...) não estava para que a J. passasse por isso, caso acontecesse (...)” (M910)</i>	Verbalizações parentais que orientam a criança para o que dizer durante o discurso, com detalhes.
Apoio emocional	<i>“(...) estar sempre a dizer adeus, porque se eu não lhe digo adeus, não é (...)”. (M726)</i>	Sorrisos, elogios ou gestos de afecto evidente dos pais para com a criança.
Reforço da ansiedade	<i>“(...) muitas vezes, que ele é medroso e que não sai ao pai (...)” (P367)</i>	Verbalizações parentais do tipo “Estamos a ficar sem tempo”, “confirma todas as caixas outra vez, para ter certeza” ou “Espero que eles gostem do teu discurso”

Para a análise estatística dos dados foi utilizado o programa de análise estatística *Statistic Package for the Social Science* (SPSS). Foram criadas várias variáveis com as categorias mais frequentemente referidas na entrevista e com as categorias de estratégias mais frequentemente observadas.

Num primeiro momento, foram calculadas as frequências absolutas e relativas para analisar quais as estratégias mais e menos adoptadas pelos pais quando os seus filhos se tornam ansiosos, de forma independente para os resultados da entrevista e da observação.

Posteriormente, foi calculado o Kappa de Cohen (K), para analisar, o acordo entre as categorias de estratégias avaliadas através da entrevista e da observação e o acordo entre as categorias mais frequentemente referidas na entrevista e mais frequentemente observadas nas tarefas de interação. Valores de prova inferiores a 0,05 foram considerados como indicando resultados estatisticamente significativos

3. Resultados

3.1. Estratégias parentais para lidar com a ansiedade dos filhos identificados através da entrevista

Para a análise das entrevistas, foram selecionadas, do guião completo da entrevista, duas perguntas para serem analisadas no presente estudo: uma que perguntava, de uma forma global, quais as estratégias que os pais já tentaram usar para lidar com os comportamentos ansiosos dos filhos, e outra, mais específica, que pedia aos pais para se recordarem de uma situação recente em que os seus filhos tenham ficado ansiosos e que descrevessem a situação, identificando os seus pensamentos, sentimentos e as suas ações perante a situação. Em cada uma das perguntas foram recolhidas as três principais estratégias referidas pelos pais como sendo as mais utilizadas para gerir o comportamento ansioso dos filhos. Considerou-se que a primeira estratégia referida consistia a principal estratégia utilizada pelos pais para lidar com a ansiedade infantil.

A Tabela 5 mostra quais as principais estratégias referidas pelos pais nas duas perguntas analisadas. Importa referir que nem todos os pais referiram três estratégias diferentes para lidar com a ansiedade dos seus filhos.

Tabela 5 - Frequências relativas das primeiras três estratégias referidas em cada pergunta

	Pergunta Global	Pergunta Especifica
1ª estratégia mais referida pelos pais	Incentivo ao confronto (31%)	Tranquilização (33.3%)
2ª estratégia mais referida pelos pais	Resolução de problemas (16.7%) Tranquilização (16.7%)	Resolução de problemas (9.5%) Oposição (9.5%)
3ª estratégia mais referida pelos pais	Reforço do Evitamento (16.7)	Intrusividade (4.8%) Apoio emocional (4.8%)

Assim, quando é pedido aos progenitores que refiram, de uma forma geral, quais as estratégias utilizadas, 31% dos pais indica ter ações que incentivam a criança ao confronto com a situação

desencadeadora de ansiedade, contudo, quando se pede aos pais para descrever uma situação específica de ansiedade do seu filho, verificam-se mais comportamentos e verbalizações parentais que têm como objectivo tranquilizar a criança. A Figura 1 ilustra as frequências absolutas das estratégias referidas em primeiro lugar pelos progenitores, em cada uma das perguntas analisadas.

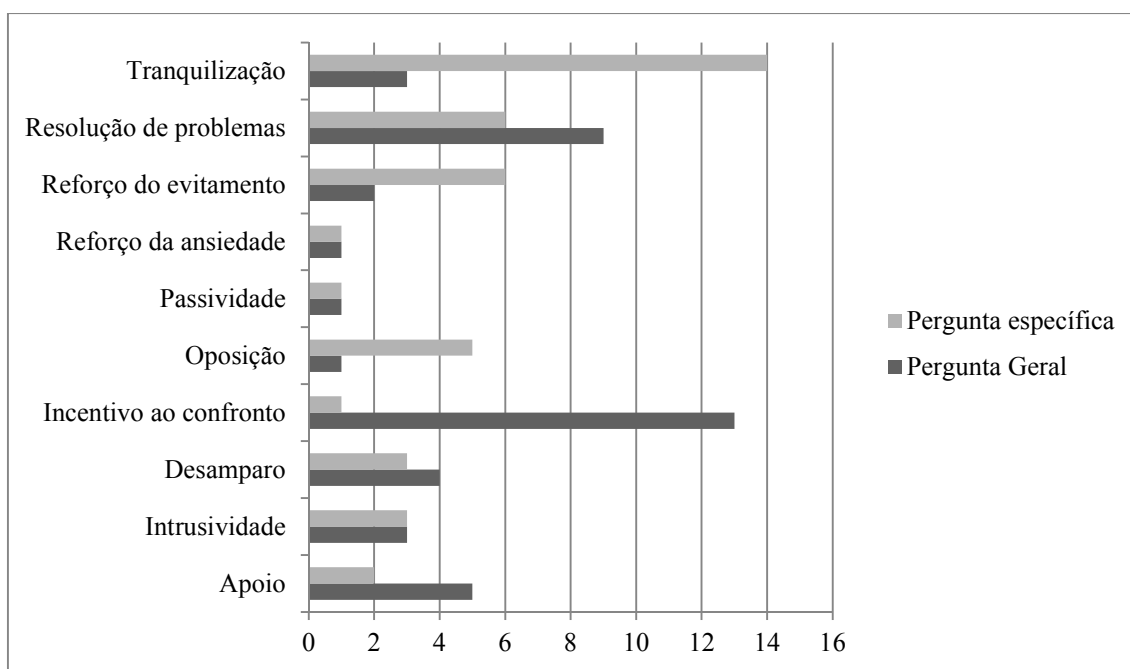


Figura 1 - Frequência da primeira estratégia referida na pergunta geral e na pergunta específica

Com o objectivo de analisar a associação entre a primeira estratégia em cada uma das perguntas, foi calculado o coeficiente de *Kappa*, com o objectivo de avaliar o acordo entre a primeira estratégia referida na primeira pergunta (mais geral) e a primeira estratégia referida na segunda pergunta (mais específica). O valor obtido para *Kappa* ($K=0,481$) revela que não existe acordo entre o tipo de estratégias referidas em primeiro lugar em cada uma das perguntas.

A Tabela 6 integra a informação obtida pelas duas perguntas e mostra a proporção de pais que referiu ter usado cada uma das estratégias.

Tabela 6 - Proporção de pais que referiu ter usado cada uma das estratégias.

Estratégias parentais	Frequência absoluta	Frequência relativa
Resolução de problemas	22	52.4%
Incentivo ao confronto	22	52.4%
Tranquilização	20	47.6%
Reforço do evitamento	18	42.9%
Apoio	15	35.7%
Oposição	15	35.7%
Intrusividade	13	31.0%
Desamparo	7	16.7%
Reforço da ansiedade	5	11.9%
Passividade	3	7.1%

Como pode ser observado, a estratégia de “Resolução de Problemas” e de “Incentivo ao Confronto” são as estratégias mais frequentemente referidas pelos pais como formas de lidar com o comportamento ansioso dos filhos, sendo referidas pela maioria dos progenitores. Outras estratégias também muito referidas foram as estratégias de “Tranquilização”, “Reforço do evitamento” “Apoio” e “Oposição”. As três estratégias menos referidas foram a estratégia de “Desamparo”, “Reforço da ansiedade” e “Passividade”.

3.2. Estratégias parentais para lidar com a ansiedade dos filhos identificadas através da observação

Em relação aos dados recolhidos através da metodologia de observação foi calculada a proporção de pais que utilizou cada uma das estratégias (Tabela 7).

Tabela 7 - Proporção de pais utilizou cada uma das estratégias mais frequentemente.

N=42		
Estratégias parentais	Frequência absoluta	Frequência relativa
Intrusividade	35	83.3%
Reforço da ansiedade	25	59.5%
Resolução de problemas	23	54.8%
Oposição	13	31%
Incentivo ao Confronto	12	28.6%

Tranquilização	7	16.7%
Apoio	5	11.9%
Passividade	4	9.5%
Desamparo	1	2.4%
Reforço do evitamento	0	0%

A estratégia de “Intrusividade” destaca-se como a estratégia mais frequente, tendo sido utilizada por 83% dos pais durante as tarefas de interacção. Outra estratégia frequentemente utilizada pelos progenitores é a estratégia de “Reforço da ansiedade”, tendo sido verificada em 59% dos pais, assim como a estratégia de “Resolução de Problemas”, usada por 31% dos progenitores. Como estratégia menos frequente destacam-se a estratégia de “Reforço do evitamento”, a de “Desamparo” e de “Passividade”.

3.3. Análise da concordância entre as duas metodologias na avaliação das estratégias parentais para lidar com a ansiedade

Tendo em consideração os objectivos deste estudo foi feito o estudo da consistência de cada uma das estratégias parentais presentes nas duas metodologias. Assim, foi calculado o valor de *Kappa*, para cada par de estratégias, com o objectivo de perceber se as verbalizações parentais relativamente às estratégias utilizadas correspondem aos comportamentos evidenciados durante as tarefas de interacção (Tabela 8).

Tabela 8 – Estratégias parentais para lidar com a ansiedade do filho: Nível de acordo entre metodologias

Estratégia parental	ENTREVISTA	OBSERVAÇÃO		Kappa	p
Apoio		Sim	Não	-0,213	0,158
	Sim	2	13		
	Não	9	18		
Intrusividade				0,013	0,881
	Sim	11	2		
	Não	24	5		
Desamparo				-0,029	0,853
	Sim	1	6		
	Não	7	29		
Incentivo ao confronto				-0,105	0,491
	Sim	12	10		
	Não	13	7		

Oposição	Sim	7	8	0,021	0,890
	Não	12	15		
Passividade	Sim	0	3	-0,116	0,383
	Não	8	31		
Reforço da ansiedade	Sim	4	1	-0,003	0,954
	Não	30	7		
Reforço do evitamento	Sim	1	17	0,003	0,243
	Não	0	24		
Resolução de problemas	Sim	15	7	-0,172	0,201
	Não	17	3		
Tranquilização	Sim	6	14	0,121	0,369
	Não	4	18		

Como pode ser observado na Tabela 8, observou-se baixo acordo entre as estratégias recolhidas por cada uma das metodologias utilizadas.

Tendo em consideração a falta de acordo entre as estratégias referidas em cada uma das perguntas-alvo da entrevista, foi feito o estudo do acordo entre as estratégias mais frequentemente referidas em cada uma das perguntas e as estratégias mais frequentemente utilizadas durante as tarefas de interação. Para tal foram criadas três novas variáveis: uma respeitante às estratégias mais referidas na pergunta geral, outra respeitante às estratégias mais referidas na pergunta específica e outra referente às estratégias mais frequentes nas tarefas de interação.

Tabela 9 - Nível de acordo entre as estratégias mais frequentemente referidas na Pergunta Geral e as estratégias mais frequentemente utilizadas nas tarefas de interação

Estratégias Parentais (Pergunta Geral vs Observação)*	ENTREVISTA		OBSERVAÇÃO		Kappa	P
	Sim	Não	Sim	Não		
Resolução de problemas	Sim	9	9	-0,081	0,591	
	Não	14	10			
Intrusividade	Sim	7	2	-0,034	0,614	
	Não	28	5			
Apoio emocional	Sim	1	11	-0,061	0,651	
	Não	11	11			

	Não	4	26		
Incentivo ao confronto				-0,027	0,845
	Sim	6	16		
	Não	6	14		
Oposição				-0,112	0,414
	Sim	1	5		
	Não	12	24		
Desamparo				-0,037	0,779
	Sim	0	3		
	Não	1	38		
Passividade				0,130	0,395
	Sim	1	4		
	Não	3	34		
Tranquilização				0,195	0,195
	Sim	3	7		
	Não	4	28		
Reforço da Ansiedade				0,018	0,794
	Sim	2	1		
	Não	23	16		

* Não foi possível calcular o nível de acordo para a estratégia “Reforço do Evitamento” devido à inexistência da utilização da estratégia nas tarefas de interação

Tabela 10 - Nível de acordo entre as estratégias mais frequentemente referidas na Pergunta Específica e as estratégias mais frequentemente utilizadas nas tarefas de interação

Estratégias Parentais (Pergunta Específica vs Observação)*	ENTREVISTA		OBSERVAÇÃO		Kappa	P
	Sim	Não	Sim	Não		
Resolução de problemas			Sim	Não	-0,093	0,470
	Sim	5	6			
	Não	18	13			
Intrusividade					-0,055	0,355
	Sim	5	2			
	Não	30	5			
Apoio emocional					0,092	0,531
	Sim	1	4			
	Não	4	33			
Incentivo ao confronto					0,125	0,319
	Sim	2	2			
	Não	10	28			
Oposição					0,148	0,323
	Sim	4	5			
	Não	9	24			
Desamparo					0,033	0,821
	Sim	0	2			
	Não	1	39			
Passividade					0,089	0,560
	Sim	0	3			
	Não	4	25			
Tranquilização					0,236	0,068
	Sim	5	12			
	Não	2	23			
Reforço da Ansiedade					0,018	0,794
	Sim	2	1			
	Não	23	16			

* Não foi possível calcular o nível de acordo para a estratégia “Reforço do Evitamento” devido à inexistência da utilização dessa estratégia nas tarefas de interação

Como pode ser observado nas tabelas 9 e 10, os valores de acordo entre as estratégias mais frequentes de cada uma das perguntas e as estratégias mais frequentes utilizadas na observação revelam que não existe concordância entre as estratégias parentais avaliadas pelas duas metodologias.

4. Discussão

Nesta seção proceder-se-á à análise e discussão dos resultados do presente estudo, com base na revisão de literatura realizada. Serão primeiramente analisadas as estratégias parentais para a gestão da ansiedade dos filhos e, num segundo momento, será analisado o acordo entre diferentes metodologias - entrevista semi-estruturada versus observação- para a avaliação dessas mesmas estratégias.

A literatura tem referido, de um modo geral, que a parentalidade tem um importante papel no desenvolvimento e manutenção das perturbações de ansiedade na infância. Durante as últimas duas décadas, a maioria dos estudos que analisaram a relação entre a parentalidade e a ansiedade infantil consideraram três dimensões da parentalidade: aceitação, modelagem de comportamentos ansiosos e controlo (Wood, McLeod, Sigman, Hwang, & Chu, 2003). Grande parte dos estudos realizados nesta área utilizam maioritariamente metodologias de auto-relato como principal método de recolha de dados (e.g. Borelli, Margolin & Rasmussen, 2014; Schwartz, et al., 2011; Stone et al., 2015; Duncombe et al., 2012; Becker et al., 2010; Borelli et al., 2015).

O presente estudo procurou estudar as estratégias parentais para a gestão da ansiedade dos filhos, que foram avaliadas através de uma entrevista semi-estruturada e de tarefas de interação em *setting* controlado.

Em relação aos dados obtidos através da entrevista, todos os pais identificaram pelo menos uma estratégia de coping para lidar com a ansiedade do filho. Numa primeira fase de análise dos dados da entrevista, foi feita a comparação entre o tipo de estratégias referidas numa pergunta mais geral e as estratégias referidas numa pergunta mais específica. Os resultados sugerem que os pais identificam estratégias diferentes quando confrontados com uma pergunta mais geral ou mais específica. De facto, quando questionados de forma geral, isto é, com uma pergunta que não remete para uma situação específica mas sim para a perceção global que os pais têm sobre as estratégias utilizadas, grande parte dos progenitores referiram que utilizam estratégias que

promovem comportamentos de “incentivo ao confronto” com a situação quando os seus filhos se encontram ansiosos. Contudo, quando lhes é pedido para descrever uma situação em que o seu filho tenha ficado ansioso, os pais referiram utilizar com mais frequência estratégias de “tranquilização”. Este último resultado é consistente com a literatura encontrada (eg. Rapee, 1997; Chorpita & Barlow, 1998). Esta diferença nas estratégias referidas em função do tipo de pergunta pode estar relacionada com a falta de consciência parental acerca das estratégias utilizadas para gerir a ansiedade dos filhos. Pais de crianças ansiosas tendem a proteger os seus filhos das situações ameaçadoras de uma forma afetuosa ou complacente (Bruggen, Stams, & Bögels, 2008). A menor referência de estratégias mais destinadas à proteção dos sentimentos dos seus filhos na pergunta mais geral pode revelar alguma dificuldade por parte dos progenitores em reconhecer o seu próprio comportamento, especialmente em situações emocionalmente reativas. Nesse sentido, a concretização da situação na pergunta específica pode ajudá-los a tomar consciência dos seus comportamentos e reações.

Quando consideradas as respostas a ambas as questões, as estratégias maioritariamente referidas pelos pais para gerir a ansiedade dos filhos foram a estratégia de “resolução de problemas” e a estratégia de “incentivo ao confronto”. A estratégia de resolução de problemas caracteriza-se pelo fornecimento à criança de estratégias específicas para lidar com as situações problema, enquanto a estratégia de incentivo ao confronto caracteriza-se pelo incentivo verbal ao confronto e pela modelagem do comportamento de confronto. Contrariamente ao que seria esperado (eg. Affrunti & Woodruff-Borden, 2015; Ballash, et al., 2006; Francis & Chorpita, 2011; Nanda, Kotchick, & Grover, 2012), a estratégia mais relacionada com o controlo, a “intrusividade” encontra-se nas estratégias menos referidas pelos progenitores. A estratégia de “reforço da ansiedade”, definida como um reforço das preocupações e medos da criança, foi ainda pouco referida pelos progenitores como uma das estratégias utilizadas para gerir a ansiedade infantil. Por outro lado, a estratégia “reforço do evitamento”, caracteriza-se pelo incentivo ao evitamento das situações consideradas ameaçadoras, encontra-se nas estratégias

mais referidas, o que está de acordo com a literatura (Macedo, 2011; McLeod, Wood, & Avny, 2011; Wood, et al., 2003).

Uma das limitações da utilização da entrevista enquanto metodologia de recolha de dados é a sua permeabilidade a fatores de *desejabilidade social*, existindo a possibilidade de os progenitores ajustarem as suas verbalizações àquilo que consideram ser o mais desejado (socialmente ou pelo entrevistador). Isto também pode justificar a maior presença de estratégias promotoras de comportamentos de confronto nas verbalizações parentais, principalmente na questão mais geral. Rapee (1997) sugere que pais que encorajam os seus filhos a ser independentes e os encorajam a lidar com situações difíceis podem reduzir a probabilidade do desenvolvimento de perturbações de ansiedade. Tratando-se de uma amostra com crianças com perturbação de ansiedade, esperava-se que as estratégias de controlo estivessem entre as mais referidas. Os estudos realizados com crianças ansiosas (e.g. Krohne e Hock, 1991) utilizando metodologias de auto-relato, demonstraram que mães de crianças com altos níveis de ansiedade revelam mais comportamentos de controlo do que mães de crianças com baixos níveis de ansiedade, e que mães de crianças ansiosas forneciam mais ajudas, interferiam mais e forneciam mais direções ao comportamento da criança do que mães de crianças com baixos níveis de ansiedade.

Os dados obtidos através das tarefas de interação revelam resultados mais congruentes com a literatura. A estratégia mais utilizada pelos progenitores foi a “intrusividade”, que é considerada uma sub-dimensão do controlo. Pais que agem de forma intrusiva tendem a apoderar-se da tarefa que a criança está (ou poderia estar) a fazer de forma independente, promovendo uma maior dependência por parte do filho (McLeod, et al., 2011). A estratégia de “reforço da ansiedade” é também uma das estratégias mais demonstradas pelos pais nas tarefas de interação e inclui verbalizações de fracasso e comportamento de pressionar os filhos com exigências. Este comportamento parental pode ser explicado pelas baixas expectativas sobre as competências de *coping* dos seus filhos. Estudos que investigaram as expectativas e atribuições de pais de crianças ansiosas (eg. Kortlander et al., 1997) revelaram que mães de crianças

ansiosas esperam que os seus filhos fiquem mais perturbados e têm baixas expectativas em relação à capacidade de *coping* dos seus filhos, tanto em comportamentos gerais como específicos. Uma última estratégia revelou-se mais frequente nas interações, a estratégia de “Resolução de problemas”. Esta estratégia consiste em ajudar a criança a lidar com a situação, através de sugestões diretas ou pedidos de informação. A literatura que relaciona os processos de superproteção parental e a ansiedade infantil (eg. Affrunti & Woodruff-Borden, 2015; Chorpita & Barlow, 1998; Clarke, Cooper, & Creswell, 2013) tem como foco principal o estudo dos aspetos negativos da parentalidade, contudo, quando se direciona o foco da investigação para os processos de *coping*, observa-se igualmente a presença de estratégias adaptadas no reportório dos pais.

Importa também salientar as estratégias menos utilizadas pelos pais durante as tarefas de interação. A estratégia “Reforço do evitamento” não foi utilizada por nenhum dos progenitores durante as tarefas de interação. Este resultado não é consistente com a literatura, pois espera-se que pais de crianças ansiosas modelem o comportamento ansioso das mesmas através de incentivos ao evitamento das situações consideradas ameaçadoras (Hannesdottir & Ollendick, 2007). Este resultado também não é consistente com os dados da entrevista. Talvez neste tipo de tarefa em que os pais estão numa situação em que estão a ser observados e têm a pressão do tempo para finalizar a tarefa, faça menos sentido o recurso ao evitamento e seja mais provável os pais assumirem o controlo da tarefa (intrusividade) ou os pais terem reações mais subtis de reforço da ansiedade. As estratégias de “Passividade” e “Desamparo” foram também pouco utilizadas pelos progenitores durante as tarefas de interação, o que está de acordo com a literatura revista. Estas estratégias caracterizam-se pela não-ação / não-reação ou distanciamento da criança durante as tarefas, não se esperando que os pais de crianças ansiosas fossem ausentes e pouco diretivos do comportamento dos seus filhos.

Em relação ao acordo entre as metodologias, não foi encontrado nenhum nível de acordo significativo entre as estratégias parentais avaliadas pela entrevista e pelas tarefas de interação. A literatura em relação ao acordo entre metodologias é escassa e pouco conclusiva. Lovejoy,

Weis e O'Hare (1999) referem que a concordância entre medidas de auto-relato e medidas observacionais pode ser especialmente difícil de interpretar pois as duas metodologias não medem os mesmos comportamentos, uma vez que as medidas de auto-relato normalmente abrangem um período de tempo mais alargado do que o período observacional. Um outro problema na interpretação da concordância entre as medidas poderá estar relacionado com a dificuldade de observar determinados tipos de comportamentos parentais (ex. comportamentos mais encobertos) ou comportamentos que não tenham uma frequência muito elevada.

Face à ausência de estudos que comparam a informação obtida através de diferentes metodologias, a literatura referente ao desacordo entre informadores pode dar um contributo importante na compreensão do baixo acordo entre metodologias. Um dos fatores que se considera ter influência no desacordo entre informadores é a perspetiva do observador (Do Los Reys & Kazdin, 2005). Este fator pode também ter influência quando se analisam dados provenientes de diferentes metodologias, nomeadamente a entrevista e a observação. Na entrevista, os dados recolhidos estão já transformados pela perspetiva do observador/informador, enquanto na observação o comportamento parental é codificado tendo em consideração a perspetiva do investigador. Apesar de treinada para a objetividade, a perspetiva do investigador pode estar sujeita a enviesamentos por meio da subjetividade inerente à observação de um fenómeno externo, crenças ou valores pessoais do investigador ou pelo desejo de obter dados congruentes com as hipóteses da sua investigação.

Adicionalmente, a perspetiva do observador/informador pode também estar sujeita a várias influências. Do Los Reys & Kazdin, (2005) realizaram uma revisão sobre as características dos observadores que podem levar ao enviesamento dos dados. Em relação aos progenitores, são encontradas correlações positivas entre o nível de desacordo entre informadores e a depressão e ansiedade parental e os níveis de stress parental. A maior parte da literatura que estuda as características parentais como fator de influência para o desacordo entre informadores foca-se nas características maternas, pois considera-se que as mães encontram-se na posição única de observar a criança sob uma maior variedade de circunstâncias e por maiores períodos de tempo,

quando comparadas com outros informadores, como os pais, os professores ou os pares (eg. Lovejoy, Weis , & O'Hare, 1999).

A desejabilidade social tem sido também apontada como um dos fatores responsáveis pelo desacordo entre informadores (Affrunti & Woodruff-Borden, 2015) e pode ser utilizada igualmente para justificar a falta de acordo entre a entrevista e a observação. Sendo a entrevista um instrumento de auto-relato, está sujeito ao viés interpretativo do informador, assim como à ação da desejabilidade social na descrição dos acontecimentos e comportamentos parentais.

Durante as tarefas de interação, o comportamento parental pode ser observado “a quente”, o que reduz a probabilidade de o comportamento estar a ser modelado por aquilo que os pais consideram ser o mais desejado socialmente, ou pelo investigador. Isto permite ao investigador recolher informações sobre os padrões de comportamento parental mais próximas dos padrões comportamentais utilizados pelos pais na regulação de situações de ansiedade em casa.

Limitações

O presente estudo apresenta algumas limitações. Em primeiro lugar, o tamanho da amostra é reduzido, o que não permite a generalização dos resultados encontrados. Em segundo lugar, todos os pais estudados residiam na área de Lisboa, pelo que os resultados encontrados podem não ser considerados representativos da população portuguesa. Uma outra limitação a referir a esta investigação é o não controlo da ansiedade infantil e parental nas situações de interação. As tarefas de interação podem não ter sido anseógenas o suficiente para provocar nos pais comportamentos de superproteção.

Investigação futura

Em investigações futuras será importante a recolha de uma amostra de maior dimensão e mais representativa da população portuguesa, incluindo sujeitos de diferentes etnias (e.g. Africana), idades, nível socioeconómico (e.g. Médio-alto) e características do agregado familiar (e.g. pais

divorciados). Será importante também tomar em consideração a percepção parental em relação à eficácia da estratégia utilizada face às manifestações de ansiedade dos filhos, assim como a percepção do impacto do comportamento parental no desenvolvimento e manutenção dos sintomas ansiosos na criança.

Será de igual modo relevante, avaliar a ansiedade e psicopatologia dos pais e se tal influencia as estratégias que adotam para lidar com a ansiedade dos seus filhos. Na literatura existente a ansiedade parental constitui-se como um dos fatores preditores que pode estar associado à ansiedade da criança, uma vez que pais ansiosos podem estar mais propensos a superproteger os seus filhos devido ao seu próprio viés cognitivo para ameaça, aumentando a percepção de perigo, bem como a sensibilidade ao sofrimento dos filhos (Do Los Reys & Kazdin, 2005).

São necessários mais estudos sobre o modo como os pais codificam e recordam os momentos em que os filhos se sentem ansiosos e a influência da própria ansiedade parental na forma como esses momentos são recordados, de modo a permitir uma melhor compreensão da influência dos processos cognitivos parentais na seleção dos mecanismos de *coping* mobilizados para gerir a ansiedade infantil.

De igual modo, será importante investigar de forma mais sistemática a ação dos processos de *coping* parental como um fator de proteção na manutenção dos sintomas de ansiedade nas crianças. Com efeito, a presente investigação revelou a presença frequente de estratégias adaptadas no repertório de pais de crianças ansiosas, demonstrando a necessidade de se compreender qual a relação destas estratégias parentais com a ansiedade infantil, de modo a ser possível uma compreensão mais alargada dos processos de influência mútua entre a parentalidade e a ansiedade infantil.

Mais estudos sobre o acordo entre diferentes metodologias são necessários de modo a contribuir para o conhecimento dos fatores que influenciam o desacordo entre metodologias.

5. Referências bibliográficas

- Affrunti, N. W., & Woodruff-Borden, J. (2015). Parental Perfectionism and Overcontrol: Examining Mechanisms in the Development of Child Anxiety. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 43(3), 517-29.
- Alfano, C. A., Ginsburg, G. S., & Kingery, J. N. (2006). Sleep-Related Problems Among Children and Adolescents With Anxiety Disorders. *American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 224-232.
- Azevedo, C. E., Oliveira, L. G., Gonzalez, R. K., & Abdalla, M. M. (2013). *A Estratégia de Triangulação: Objetivos, Possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo*. Brasília: IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade.
- Ballash, N., Leyfer, O., Buckley, A. F., & Woodruff-Borden, J. (2006, Junho 2). Parental control in the etiology of anxiety. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 9, 113-133.
- Bariola, E., Hughes, E. K., & Gullone, E. (2012). Relationships between parent and child emotion regulation strategy use: A brief report. *Journal of Child and Family Studies*, 443-448.
- Barlow, D. H. (2000, Novembro). Unraveling the mysteries of anxiety and its disorders from the perspective of emotion theory. *American psychologist*, 1247-1263.
- Barrett, P. M., Rapee, R. M., Dadds, M. M., & Ryan, S. M. (1996). Family enhancement of cognitive style in anxious and aggressive children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 187-203.

- Becker, K. D., Ginsburg, G. S., Domingues, J., & Tein, J.-Y. (2012). Maternal control behavior and locus of control: examining mechanisms in the relation between maternal anxiety disorders and anxiety symptomatology in children. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 38, 533-543.
- Bögels, S., & Phares, V. (2008). Father's role in the etiology, prevention and treatment of child anxiety: A review and new model. *Clinical psychology review*, 539-558.
- Borelli, J. L., Margolin, G., & Rasmussen, H. F. (2014). Parental overcontrol as a mechanism explaining the longitudinal association between parent and child anxiety. *Journal of Child and Families Studies*, 24(6), 1559-1574.
- Braet, C., Theuwis, L., Durme, K. V., Vandewalle, J., Vandevivere, E., Wante, L., et al. (2014). Emotion Regulation in Children with Emotion Problems. *Cognitive Therapy and Research*, 493-504.
- Brown, A. M., & Whiteside, S. P. (2008). Relations among perceived parental rearing behaviors, attachment style, and worry in anxious children. *Journal of Anxiety Disorders*, 263-272.
- Bruggen, C. O., Stams, G. J., & Bögels, S. M. (2008). Research Review: The relation between child and parent anxiety and parental control: a meta-analytic review. *Journal of child psychology and psychiatry*, 1257-1269.
- Carver, C. S., & Scheier, M. F. (1989). Assessing Coping Strategies: A Theoretically Based Approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56(2), 267-283.

- Chang, L., Schwartz, D., Dodge, K. A., & McBride-Chang, C. (2003, Dezembro). Harsh Parenting in Relation to Child Emotion Regulation and Aggression. *Journal of Family Psychology, 17 (4)*, 598-606.
- Chorpita, B. F., & Barlow, D. H. (1998). The Development of Anxiety: The Role of Control in the Early Environment. *Psychological Bulletin, 3*-21.
- Clarke, K., Cooper, P., & Creswell, C. (2013). The parental overprotection scale: associations with child and parental anxiety. *Journal of Anxiety Disorders, 618*-624.
- DiBartolo, P. M., & Helt, M. (2007, Setembro 3). Theoretical Models of Affectionate versus affectionless control in anxious families: a critical examination based on observations of parent-child interactions. *Clinical Child and Family Psychology, 10*, 253-273.
- Do Los Reys, A., & Kazdin, A. Z. (2005). Informant Discrepancies in the Assessment of Childhood Psychopathology: A Critical Review, Theoretical Framework, and Recommendations for Further Study. *Psychological Bulletin, 131(4)*, 483-509.
- Dougherty, L. R., Tolep, M. R., Bufferd, S. J., Olino, T. M., Dyson, M., Traditi, J., et al. (2013). Preschool anxiety disorders: comprehensive assessment of clinical, demographic, temperamental, familial and life stress correlates. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology, 577*-589.
- Drake, K. J., & Ginsburg, G. S. (2011). Parenting Practices of Anxious and Nonanxious Mothers: A multi-method, multi-informant approach. *Child & Family Behavior Therapy, 299*-321.

- Duncombe, M. E., Havighurst, S. S., Holland, K. A., & Frankling, E. J. (2012, Março 6). The Contribution of Parenting Practices and Parent Emotion Factors in Children at Risk for Disruptive Behavior Disorders. *Child Psychiatry & Human Development, 43*, 715–733.
- Fischer, J. L., Forthun, L. F., Pidcock, B. W., & Dowd, D. A. (2007). Parent Relationships, Emotion Regulation, Psychosocial Maturity and College Student Alcohol Use Problems. *Journal of Youth and Adolescence, 912-926*.
- Foley, D., Rutter, M., Pickles, A., Angold, A., Maes, H., Silberg, J., et al. (2004). Informant Disagreement for Separation Anxiety Disorder. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry, 43(4)*, 452-460.
- Francis, S. E., & Chorpita, B. F. (2011). Parental Beliefs About Child Anxiety as a Mediator of Parent and Child Anxiety. *Cognitive Therapy Research, 35*, 21–29.
- Francis, S. E., & Noël, V. (2012). Parental contributions to child anxiety sensitivity: a review and recommendations for future directions. *Child Psychiatry & Human Development, 41*, 595-613.
- Gallagher, B., & Cartwright-Hatton, S. (2008). The relationship between parent factors and trait anxiety: Mediating role of cognitive errors and metacognition. *Journal of Anxiety Disorders, 722-733*.
- Gastel, W., Legerstee, J. S., & Ferdinand, R. F. (2009). The role of perceived parenting in familial aggregation of anxiety disorders in children. *Journal of Anxiety Disorders, 23*, 46-53.

- Ginsburg, G. S., Grover, R. L., Cord, J. J., & Ialongo, N. (2006, June). Observational Measures of Parenting in Anxious and Nonanxious Mothers: Does Type of Task Matter? *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 35*(2), 323–328.
- Gross, J. J. (1998). The Emerging Field of Emotion Regulation: An Integrative Review. *Review of General Psychology, 2*, 271-299.
- Hannesdottir, D. K., & Ollendick, T. H. (2007). The Role of Emotion Regulation in the treatment of Child Anxiety Disorders. *Clinical Child and Family Psychology Review, 275-293*.
- Holly, L. E., & Pina, A. A. (2014). Variations in the influence of parental socialization of anxiety among clinic referred children. *Child Psychiatry & Human Development, 46*(3), 474-84.
- Hudson, J. L., & Rapee, R. M. (2001). Parent-child interactions and anxiety disorders: an observational study. *Behaviour Research and Therapy, 39*, 1411-1427.
- Kristensen, H., Oerbeck, B., Torgersen, H. S., Hansen, B. H., & Wyller, V. B. (2014). Somatic symptoms in children with anxiety disorders: an exploratory cross-sectional study of the relationship between subjective and objective measures. *European Child & Adolescent Psychiatry, 795-803*.
- Krohne, H. W., & Hock, M. (1991). Relationships between restrictive mother-child interactions and anxiety of the child. *Anxiety Research, 4*, 109-124.
- Krotlander, E., Kendall, P. C., & Panichelli-Mindel, S. M. (1997). Maternal Expectations and Attributions about Coping in Anxious Children. *Journal of Anxiety Disorders, 11*(3), 297-315.

- Kuppens, S., Grietens, H., Onghena, P., & Michiels, D. (2009). Measuring parenting dimensions in middle childhood - Multitrait-multimethod analysis of child, mother and father ratings. *European Journal of Psychological Assessment*, 25(3), 33-140.
- Laurin, J. C., Joussemet, M., Tremblay, R. E., & Boivin, M. (2015). Early forms of controlling parenting and the development of childhood anxiety. *Journal of Child and Family Studies*, 24(11), 3279-3292.
- Locke, L. M., & Prinz, J. R. (2002). Measurement of parental discipline and nurturance. *Clinical psychology review*, 895-929.
- Lovejoy, C. M., Weis, R., & O'Hare, E. (1999). Development and initial validation of the Parent Behavior Inventory. *Psychological Assessment*, 11(4), 534-554.
- Macedo, E. V. (2011). Superprotecção parental e ansiedade na infância: um estudo transversal com crianças em idade escolar. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de Psicologia de Lisboa (5.º Curso de Mestrado em Psicologia Clínica), Lisboa.
- Mash, E. J., & Wolfe, D. A. (2002). *Introduction to Normal and Abnormal Behavior in Children and Adolescents*. Wadsworth: Cengage Learning.
- McIntyre, J. G., & Dusek, J. B. (1995). Perceived parental rearing practices and styles of coping. *Journal of Youth and Adolescence*, 24(4), 499-509.
- McLeod, B. D., Wood, J. J., & Avny, S. B. (2011). Parenting and Child Anxiety Disorders. *Handbook of Child and Adolescent Anxiety Disorders*, 213-228.

- Mellon, R. C., & Moutavelis, A. G. (2011). Parental educational practices in relation to children's anxiety disorder-related behavior. *Journal of Anxiety Disorders*, 829-834.
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinber, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The Role of the Family Context in the Development of Emotion Regulation. *National Institutes of Health*, 361–388.
- Morsbach, S. K., & Prinz, R. J. (2006). Understanding and Improving the Validity of Self-Report of Parenting. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 1-21.
- Nanda, M. M., Kotchick, B. A., & Grover, R. L. (2012). Parental psychological control and childhood anxiety: The mediating role of perceived lack of control. *Journal of Child and Families studies*, 21, 637-645.
- Natsuaki, M. N., Harold, G. T., Shaw, D. S., Scaramella, L. V., Leve, L. D., Neiderhiser, J. M., et al. (2013). Transactions Between Child Social Wariness and Observed Structured Parenting: Evidence From a Prospective Adoption Study. *Child Development*, 84(5), 1750–1765.
- Niditch, L. A., & Varela, E. R. (2012). Perceptions of parenting, emotion, self-efficacy, and anxiety in youth: Test of a mediational model. *Child and Youth care Forum*, 41, 21-35.
- Rapee, R. M. (1997). Potential role of childrearing practices in the development of anxiety and depression. *Clinical Psychology Review*, 17(1), 47-67.

- Reedtz, C., Handegard, B. H., & Morch, W.-t. (2011). Promoting positive parenting practices in primary care: Outcomes and mechanisms of change in a randomized controlled risk reduction trial. *Scandinavian Journal of Psychology*, 131-137.
- Rubin, K. H., Nelson, L. J., Hastings, P., & J. A. (1999). The Transaction between Parents' Perceptions of their Children's Shyness and their Parenting Styles. *International Journal of Behavior Development*, 23(4), 937-957.
- Schwartz, O. S., Dudgeon, P., Sheeber, L. B., Yap, M. B., Simmons, J. G., & Allen, N. B. (2012). Parental behaviors during family interactions predict changes in depression and anxiety symptoms during adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 40, 59-71.
- Sessa, F. M., Avenevoli, S., Morris, A. S., & Steinberg, L. (2001). Correspondence Among Informants on Parenting: Preschool Children, Mothers, and Observers. *Journal of Family Psychology*, 15, 53-68.
- Southam-Gerow, M. A., & Kendall, P. C. (2000). A Preliminary Study of the Emotion Understanding of Youths Referred for Treatment of Anxiety Disorders. *Journal of Clinical Child Psychology*, 319-327.
- Stone, L. L., Otten, R., Soenens, B., Engels, R. C., & Janssens, J. M. (2015). Relations between parental and child separation anxiety: The role of dependency-oriented psychological control. *Journal of Child and Families Studies*, 24(11), 3192-3199.
- Suveg, C., Zeman, J., Flannery-Schroeder, E., & Cassano, M. (2005). Emotion Socialization in Families of Children with an Anxiety Disorder. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 145-155.

- Thomasgard, M. (1998). Parental perceptions of child vulnerability, overprotection, and parental psychological characteristics. *Child Psychiatry and Human Development*, 28(4), 223-240.
- Thompson, R. A. (1994). Emotion Regulation: A Theme in Search of Definition. *Monographs of the Society of Research of Child Development*, 25-52.
- Udy, C. M., Newall, C., Broeren, S., & Hudson, J. L. (2004). Maternal expectancy versus objective measures of child skill: evidence for absence of positive bias in mother's expectations of children with internalizing disorders. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 42, 439-451.
- Vasey, M. W., & Lonigan, C. J. (2000). Considering the Clinical Utility Of Performance-Based Measures of Childhood anxiety. *Journal of Clinical Child Psychology*, 29 (4), 493-508.
- Waters, A. M., Zimmer-Gembeck, M. J., & Farrel, L. J. (2012). The relationships of child and parent factors with children's anxiety symptoms: Parental anxious rearing as a mediator. *Journal of Anxiety Disorders*, 6, 737-745.
- Wood, J. J., McLeod, B. D., Sigman, M., Hwang, W.-C., & Chu, B. C. (2003). Parenting and childhood anxiety: theory, empirical findings, and future directions. *Journal of Child psychology and psychiatry*, 134-151.
- Zlomke, K. R., & Young, J. N. (2009). A retrospective examination of the role of parental anxious rearing in contributing to intolerance of uncertainty. *Journal of Child and Families Studies*, 18, 670-679.